

DO RISO AO ESCÁRNIO UMA ANÁLISE ANIMADA PARA AS AULAS DE FILOSOFIA

Fábio Augusto Gomes¹

RESUMO: O presente trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo analisar os desenhos animados, Os Simpsons (Matt Groening) e South Park (Tray Parker e Matt Stone) a luz da filosofia, com ênfase para o ensino da disciplina. Durante todo o percurso histórico o riso foi considerado ora demoníaco, ora angelical, ora expressão de alegria e felicidade, ora fruto do desdém por outrem. No teatro grego a comédia tinha como pressuposto demonstrar os excessos do humano, suas vicissitudes e defeitos em contraponto com a tragédia que exaltava o humano e o processo catártico deste para uma vida contemplativa, mais alta honraria para o cidadão. Desta forma o escárnio era uma característica da comédia e das festas dionisíacas. Tomado como diabólico na idade média ressurgiu na renascença com vigor, a partir de François Rabelais. Os séculos XVII e XVIII exorcizam os entes do mal que o riso trouxe do medievo, ou simplesmente aceitam que o riso, mesmo diabólico, não é tão mal assim; com Molière o poder ácido do espírito maledicente toma conta de seu tempo caricaturando personagens célebres e utilizando o escárnio como arma política e social; ganha os contornos atuais. Entretanto o poder do riso e do escárnio foi utilizado durante toda a história da filosofia, tendo Nietzsche como exemplo. A ironia socrática, mãe do riso, foi exaltada como método para obtenção de verdades, porém é com Nietzsche, a exaltação do Dionisíaco sobre o Apolíneo, que a derisão ganha à pertença humana o reino dos instintos, um retorno aos defeitos e vicissitudes da vida e do viver. Delineados estes caminhos, analisar-se-á os respectivos desenhos animados como ferramentas reflexivas para o ensino de filosofia, visto que o humor corrosivo de ambos colocam em xeque valores sociais, culturais, políticos e religiosos, a partir de críticas mordazes sobre o cotidiano e o politicamente correto, contextualizando o ensino da filosofia a partir da trivialidade dos acontecimentos mundanos.

Palavras-chaves: Ensino de Filosofia, Desenhos Animados, Dionisíaco/Apolíneo – Riso.

FROM LAUGH TO DERISION AN ANIMATED ANALYSIS TO PHILOSOPHY CLASSES

Abstract: This paper is bibliographic and the objective is to analyze some animated cartoons like The Simpsons (Matt Groening) and South Park (Tray Parker e Matt Stone) in the light of philosophy with focus to the teaching of philosophy as subject. During the humanity History the laugh was considered demonic or angelical, an expression of joy and happiness or contempt. In the Greek theater the assumption of the comedy was to demonstrate human exaggerations, vicissitudes and defects opposing the tragedy where it was exalted the human being and his cathartic process to have a contemplative life, the most important honor for a

¹ Mestrando em Educação (Unicentro), graduado em Pedagogia. Coordenador pedagógico municipal.
E-mail: mendigao@hotmail.com

citizen. So, derision was a characteristic of the comedy and Dionysian feasts. Derision was considered diabolic during Middle Age and it was born with force during the Renaissance from François Rebelais. During 17th and 18th centuries the devil represented by the laugh, idea from Middle Age, was exorcised. Or people just accept that the laugh, even if it could be diabolic, is not too bad. Molière is noted in his time when he uses an acid power from a gossip spirit when he characterizes famous personages and he uses derision as a politic and social weapon. However, the power of the laugh and derision has been used during the Philosophy history by philosophers as Nietzsche, for example. The Socratic irony, mother of the laugh, was exalted as a method to get the truth but with Nietzsche, who exalted the Dionysian to the detriment of Apollonian, the derision is realized as a part of the instinctual human life, it is a return to imperfections and life vicissitudes. Then, animated cartoons will be analyzed as reflexive ways to the teaching of Philosophy, since the corrosive humor from both of them pressures social, cultural, politic and religious values based on acrimonious criticisms about the quotidian and the believed as politically correct. So we contextualize the teaching of Philosophy based on triviality of worldly events.

Key-words: Teaching of Philosophy Animated Cartoons, Dionysian/ Apollonian, Laugh.

INTRODUÇÃO

Nossa sociedade sofre um verdadeiro colapso de sentido. As coisas pouco, ou nada representam, estão mergulhadas em um mar de psitacismos e discursos verborrágicos. Se outrora os pensadores buscavam construir sentidos para a vida humana, por meio de densos tratados e pesquisas, no presente busca-se apenas solucionar o dado imediato, sem relação com o passado ou preocupação com o futuro. "A glorificação do sentido foi substituída por uma depreciação lúdica, uma lógica do inverossímil" (LIPOVETSKY, 2005, p.111). Dois exemplos ilustram tal afirmação: a crescente religiosidade e o fenômeno do consumo.

Religião deriva da acepção latina *religare*, ou seja, ligar novamente. Este arquétipo do homem busca estabelecer uma relação entre o ser existente e o obscuro, o divino, o eterno. Desta forma a religião, assim como o mito, foram às respostas que os homens encontraram para sustentar sua existência, relegando-as a um ser supremo ou forças místicas, sejam elas quais forem, as duras penas do existir e concomitantemente o próprio sentido destas, o que denota a religião como fruto verossímil² da

2 Um acontecimento humano imaginado é verossímil se for considerado compatível com o comportamento comum dos homens ou encontrar explicações ou respaldo neste comportamento (ABAGGNANO, 2003, p. 1000).

mundanidade. A religião, como apresentado, é carregada de significados, sisuda e pesada, porém, coetaneamente, surgem movimentos que buscam amenizar estas características buscando suavizar toda a problemática que gira em torno do divino. Movimentos como renovação carismática, Jesus Cristo é o Caminho (JCC), na Igreja Católica, e as Igrejas Pentecostais e Neopentecostais dessubstancializam o siso religioso, transformando a busca teleológica do indivíduo em pregações vazias de sentido, apregoando um seguir servil aos seus partícipes desvinculando o saber teológico das práticas de culto. É o prazer de frequentar o grupo e não a busca espiritual que norteia as ações do praticante, ou seja, não é por meio dos sentidos bíblicos, do que são as coisas religiosas que os congregados vão aos cultos, mas pela transformação destas em prazeres lúdicos, transforma-se o que era sério em um momento de fruição de orgasmo espiritual.

O consumo opera em uma mesma lógica. Se com Marx o consumo é visto como parte essencial dos modos de produção, e este o "modus operandi" da sociedade como um todo, sendo que é a partir do satisfazer das necessidades que surge a "produção, sendo esta, a apropriação da natureza pelo indivíduo, no interior e por meio de uma determinada forma de sociedade" (MARX. 1982. p. 6). Estes modos de produção, que engendram o ser e ao mesmo tempo o condicionam ao social, desdobram-se em distribuição, troca e consumo. Cada uma destas partes constitui o ser enquanto tal, pois é por meio desta que o indivíduo modifica a natureza ao mesmo tempo em que modifica a sociedade em qual está inserida e consequentemente modificam a si mesmos.

A ideia que se apresenta por si mesma é esta: na produção, os membros da sociedade apropriam-se (produzem, molda) dos produtos da natureza para as necessidades humanas; a distribuição determina a proporção dos produtos de que o indivíduo participa; a troca fornece os produtos particulares em que queira converter a quantia que lhe coube pela distribuição; finalmente o consumo, os produtos convertem-se em objeto de desfrute, de apropriação individual. (MARX. 1982.p.7)

E completa: "Na produção a pessoa se objetiva; no consumo, a coisa se subjetiva, na distribuição, a sociedade, sob forma de determinações gerais dominantes encarrega-se da mediação entre a produção e o consumo; na troca, essa mediação realiza-se pelo indivíduo determinado fortuitamente. " (Idem), ou seja, o consumo possui uma finalidade para a sociedade, objetivação das necessidades humanas por meio da produção. Entretanto o "fenômeno" do consumismo moderno oblitera os conceitos marxianos, transformando uma parte do processo de produção em um sustentáculo ontológico, subvertendo o ser pelo ter, o que sou por aquilo que possuo. Novamente pode-se constatar lógica do inverossímil, ou seja, um fato não verdadeiro transmuta-se em condição *sine qua non*, obscurecendo categorias essenciais para análise do todo.

Desta forma é imperativo que se retorne aos conceitos mais densos, que o sentido conceitual seja reestabelecido, sendo a Filosofia a guia mestra para tal feito. Porém dentro da área da educação é de saber comum que disciplinas carregadas de conceitos e teorias são minimizadas nos currículos, caso da Filosofia, e tratadas com certo desdém por alunos. A Filosofia passou esta fase de sofreguidão, quando foi relegada as disciplinas diversificadas do currículo, sendo que apenas a ética ganhava força, porém como tema transversal, sendo os demais deixados em um completo ostracismo, a partir da resolução nº04 de 16 de agosto de 2006 a disciplina torna-se obrigatória (GOMES, 2010, p.68), acarretando novos problemas: o que ensinar? E como ensinar Filosofia?

Partindo destas problemáticas e buscando não dessubstancializar os conceitos ensinados em Filosofia, surgiu à ideia de uma proposta, contextualizando a disciplina a partir de Desenhos Animados, mais especificadamente, Os Simpsons e South Park, com o intuito de relacionar a crítica cômica e sua natureza primeva, o riso, conceitos filosóficos, adentrando no meio juvenil pela porta de entrada do escárnio adolescente. Ambos os desenhos possuem características próprias, sendo o ponto de concordância à crítica ao sistema, seja de valores, sociais, políticos, morais, econômicos, religiosos, entretanto, enquanto, Os Simpsons se utilizam da ironia e dos sarcasmos, South Park apela para a derrisão compulsória destes sistemas valorativos elevados ao mais puro escárnio, porém, ambos têm o cômico como arma crítica. Sendo assim torna-se

necessário, na primeira parte deste trabalho, clarear algumas noções, tais como: riso, escárnio, derrisão e como foram vistos durante o percurso histórico. Na segunda os aforismas nietzschiano que utilizou da zombaria para insurgir contra seus opositores e demonstrar a decadência de sua época e a necessidade de elevar-se acima dos valores pré-estabelecidos, por último os desenhos animados, supracitados, como ferramenta reflexiva operando uma síntese entre o riso e a elevação do homem.

DESENVOLVIMENTO

HISTÓRIA DO RISO

O riso é uma característica exclusivamente humana, gargalhadas ao ver ou ouvir algo que constrange outrem, risadas soltas ao lembrar-se de situações embaraçosas, conversas animadas regadas a bebidas alcólicas e bufonarias irracionais, isso tudo é humano demasiadamente humano.

Como tínhamos prometido, tratamos agora da comédia (ainda mais da sátira e do mimo) e de como suscitando o prazer do ridículo ela chegue à purificação da tal paixão; quando tal paixão seja digna de consideração já dissemos no livro sobre a alma, enquanto - **único dentre todos os animais** - o homem é capaz de rir. (ECO, 2003, p.449)³

Esta passagem de O nome da Rosa (Umberto Eco) obra verossímil de uma época e que cita a existência de um possível tratado escrito por Aristóteles, mas perdido no tempo são indícios que este livro realmente existiu sobre o nome de tratado sobre a Poesia (Pierre Destrée), corrobora com a ideia do homem que ri. Entretanto a de que se definir uma diferença básica entre os verbos infinitivos rir e sorrir; o objeto do rir sempre estará ligado à determinada situação vexatória, até mesmo ao rir de um animal, pois terá como base a associação do ridículo humano é a antropomorfização em grau elevado, sendo os sorrir fruto de outra espécie, filho da fruição, do sublime da

³ Grifo nosso.

contemplação artística, o sorrir é nobre, cavalheiresco é divino. Mas o que falar de uma sociedade humorística, como afirmam Gilles Lipovetsky (2005) e George Minois (2003)?

Segundo Lipovetsky (2005) nossa sociedade chegou ao extremo da individualização, é uma sociedade marcada pelo código humorístico, não há espaço para o sério, da arte à academia, da cultura à política, do sexo ao pecado, tudo passa pelo engraçado, pelo *fun* como conceitua o autor, pelo cômico, pelo divertimento, para além dos rígidos padrões morais, porém a mesma sociedade libertina que atribui um novo status a derrisão coloca cerceamentos nestes, rires, mas ao rires certifique-se que ri apenas de si mesmo caso contrário terá que arcar com as consequências de seus risos, não é isso o famoso bulling. Os coetâneos perderam o real significado do riso, esqueceram para que este sirva e, paradoxalmente, enquanto utilizam do riso para aliviar as pressões diárias da vida removeram o que era de mais sagrado nele, esvaziaram de sua origem nefasta de profanar o sagrado e violar as regras oficiais.

Os panfletos violentos perderam a força, os cancioneiros já não são as figuras principais dos cartazes; um novo estilo descontraído e inofensivo sem negação ou mensagem, surgiu, caracterizando o humor da moda, dos artigos jornalísticos, dos programas radiofônicos, da publicidade, de numerosas histórias em quadrinhos. O cômico, longe de ser a festa do povo ou do espírito, tornou-se um imperativo social generalizado, uma atmosfera cool, um clima contínuo a que o indivíduo é submetido até no seu cotidiano. (Lipovetsky, 2005, p. 112).

O cômico foi absorvido pela sociedade, de tal forma que não é mais exceção tornou-se uma regra, patética e dessubstancializada. Porém, qual era a verdadeira essência do riso e porque esta subversão do cômico pode ser considerada ruim? Para tais respostas devemos retroceder um pouco na própria história do riso.

"Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo... Quando ele gargalhou, fez-se a luz... Ele gargalhou pela segunda vez: tudo era água. Na terceira gargalhada, apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino; na sexta, o tempo. " Depois, pouco antes

do sétimo riso, Deus inspira profundamente, mas ele ri tanto que chora, e de suas lágrimas nasce à alma. (REINACH, 1996, p 147. In MINOIS, 2003, p. 21).

Este mito está descrito no papiro alquímico que data século III, o papiro de Leyde, (MINOIS, 2003, p. 21). O riso criador parte da necessidade de explicar o simples fato do porquê rimos uma virtude criadora. Segundo Minois (2003, p.22), o riso como sagrado é tão antigo quanto qualquer prática religiosa, Próclus, no século V a.C, poeta órfico atribuía o nascimento dos deuses de forma parecida a do mito supracitado e a proximidade do nascimento divino e das lágrimas são temas recorrentes nas mitologias do Oriente médio; na Fenícia, quando uma criança era sacrificada o riso era uma forma comum do culto; Babilônia e Egito o riso era uma forma de agradecer as benesses do rio Nilo, na Trácia as mulheres morrem rindo no sepulcro de seus maridos e a morte é vista como algo bom e o nascimento é regado por muitas lágrimas, na Sardenha, o riso desempenhava uma função mágica, o de passagem para uma nova vida, não eram as Valquírias que levavam o guerreiro para o Valhala, mas sim o riso que marcava as crianças sacrificadas ao deus lídio Sandon, pois isso denotava a aceitação da morte, sendo que é pela civilização da Grega que estes rituais chegaram até nós, primeiro pelos mitos dos deuses do Olimpo, depois pela verve intelectual, Aristóteles, Platão, Aristófanes, Heródoto, entre outros.

No panteão grego o responsável pelas zombarias é Momo, tem em sua mão um bastão, símbolo da loucura e usa máscara, filho da noite é o censor dos costumes divinos (MINOIS, 2003, p. 29), torna-se tão insuportável, por ser um personagem obscuro, trocista e sarcástico, que é expulso do Olimpo e refugia-se ao lado de Dionísio. Este é o deus do vinho, da diversão da alegria, é o riso encarnado, o escárnio em pessoa, pois sua figura é representada por um deus coxo, pequeno, e bêbado, porém segundo alguns historiadores Henri Jeanmaire, René Girard, Pierre Vidal-Naquet e Jean-Pierre Vernat; é um deus enigmático e ambíguo, que embaralha a realidade com a ilusão do ébrio, sendo que é nesta confluência dos sentidos que instaura-se a tragédia grega.

Nas grandes dionisiacas, aparece o concurso de tragédia, em 501 a. C., e o de comédia quatro anos mais tarde. Aliás, os autores trágicos também praticam o cômico: além das três tragédias, eles devem apresentar uma curta peça familiar, o drama satírico, que é representado pelos mesmos atores, utiliza a mesma métrica e o mesmo vocabulário, mas desenrola-se em cenário campestre. A peça é animada por um coro de sátiros, personagens fantasmagóricos, companheiros de Dionísio e dirigidos por um bêbado lúbrico Silênio [...] Esse ressurgimento da animalidade traduz-se pelo riso, que vem quebrar a solenidade trágica e abalar o sério. (MINOIS, 2003, p. 36).

A tragédia tem uma função especial na formação do cidadão grego a catarse⁴, que em linhas gerais é o processo pelo qual o homem reflete sobre situações de sua vida, purificando-se, ou seja, expurgam de seus pensamentos e de suas atitudes as revoltadas e o desnecessário aceitando o pathos do destino. Dionísio traz em seu sorriso derrisório outra forma de pensar, para além da seriedade do trágico, instaura a loucura para seus seguidores e temor aos seus inimigos, este riso desenfreado é necessário para obter o equilíbrio da pólis, pois "o riso, como irrupção de forças irracionais, está no centro da tragédia humana." (idem, p.37), se contrapõe ao retilíneo Apolíneo. Aristóteles diferenciou a tragédia da comédia de uma forma simples, enquanto a primeira apresenta os homens como melhores que são a segunda exagera os seus defeitos.

Com ascensão da comédia, sendo os principais expoentes Menandro e Aristófanes, o riso não se encontra apenas nas festas, nas bacantes ele parte para a *ágora*, não apenas escancarando as mazelas humanas mais ataca os políticos, os filósofos, os deuses todos são objetos risíveis. Estes ataques sofrem retaliações, pois, assim como hoje, não era de bom tom zombar de qualquer um, caso isso aconteça os ofendidos processavam os poetas zombeteiros como narra a história que Alcebíades⁵ teria mandado afogar Êupolis e em outra versão teriam amarrado uma corda e o mergulhassem várias vezes no mar, dizendo-lhe: "Se me enlameares outra vez no teatro, eu te afogarei no mar", além de aprovar uma lei que proibia zombar abertamente de homens políticos no

⁴ Liberação do que é estranho à essência ou a natureza de uma coisa e que, por isso, a perturba ou corrompe. (ABBAGNANO, 2003, p. 120)

⁵ General e político ateniense, amigo de Sócrates.

teatro (MINOIS, 2003, p. 41).

Desta forma na sociedade grega o riso de um lado e o ceticismo religioso de outro começam a serem visto como fatores diluentes dos valores cívicos atenienses, o que colocado em parênteses podem ser aplicados como regra em nosso estado atual de valores com uma nova roupagem o ateísmo e a sociedade do espetáculo. A partir de Sócrates o riso torna-se adocicado, ou seja, deixam as grosserias, as críticas aos políticos e torna-se meio para obtenção da verdade, a ironia socrática seu conteúdo dirige-se ao um público selecionado, como poder aquisitivo maior, deixam as praças, as ruas e passa a ser tema do teatro, não mais subverte agora seu objetivo é corroborar com as convenções sociais e exorciza a subversão. A comédia tem por função, em primeiro lugar, permitir ao público esquecer por um tempo suas inquietudes e espantar os temores, apresentando-lhe um universo em que a ordem sempre acaba por ser restabelecida. (SAID. S. Histoire de la littérature grecque, 1997. Op. cit In MINOIS. (G 2003, p. 51).

É a superação do dionisíaco pelo apolíneo o tempo de Menandro, Aristófanes e dos filósofos reis Platão e Aristóteles que não se absterem do assunto. Com a absorção da Grécia pela Macedônia e posteriormente esta pelo império romano o riso tem os seus dias contados. Figuras de destaque deste período, tais como Cícero, Horácio, Teocrácio, Plauto, Varrão, Juvenal trazem em seus textos, tons de humor, pois tratam jocosamente assuntos graves e gravemente coisa engraçadas e, dentre o universo de informações desta época, destacaremos o riso festivo das Saturnais e das Lupercais.

Estas festas o riso é o fundamento básico, sendo que as Saturnais que começa com um único dia 17 de dezembro, passa há três dias 17 a 19 de dezembro e posteriormente há uma semana de 17 a 13 de dezembro são:

Destinadas a preencher a lacuna existente entre a duração do ano lunar, que serve de base ao calendário oficial, e o ano solar, que rege o calendário dos trabalhos agrícolas. Esses poucos dias representam um vazio, um período roubado à direção de Zeus, soberano atual dos deuses e dos homens, e durante o qual Cronos-Saturno, o senhor do tempo, retoma a sua posição dominante. O reino de Saturno foi,

segundo os mitos, a idade de ouro. Trata-se, portanto, de um retorno mítico a essa época feliz e desaparecida, época de igualdade, de abundância, de felicidade. A alegria propiciada por este retorno periódico manifesta-se pelo riso, e o riso alimenta-se dos rituais e das práticas que acompanham as festas. (MINOIS, 2003, p. 97).

A característica principal desta festa é a inversão, em plena luz do dia são acessas lanternas e a noite cantos e danças, falava-se ao contrário, para provocar riso, sendo que este processo durava até a eleição do rei cômico que tinha como objetivo fazer as pessoas rirem, sendo este riso a inversão radical da seriedade do cotidiano. As Lupercais na metade de fevereiro, segundo Minois (2003) é um ritual estranho em que as pessoas, principalmente mulheres eram espancadas nas ruas, com a sua conivência acreditando que as tornavam mais férteis. As pessoas corriam seminuas pelas ruas, apenas com um pano cobrindo as partes pudentes e significava a explosão de alegria que o renascimento propicia e tanto o riso que representa o retorno à idade de ouro quanto o riso, referente à vida tinham o sentido mágico de salvação, que nos faz escapar do mundo real.

A idade média traz consigo toda a seriedade do cristianismo. Elevado a religião oficial por Constantino em 313 d.C. marca a derrocada dos Césares, que só aconteceria em 476, é início de um novo império, o Cristão. Oriunda do judaísmo e ressignificado a partir da figura de Jesus Cristo é com Paulo que o cristianismo ganha corpo. Cidadão romano, poliglota e com conhecimento de seu antigo ofício, cobrador de impostos, Paulo tinha competências privilegiadas para disseminar a boa nova. Escritor profícuo é um dos pilares do novo testamento e da nova potência. Nietzsche o denuncia em sua obra *O anticristo* (2002, p.78), que no final das contas foi Paulo que criou o cristianismo colocando como fundamento da vida a não vida, ou seja, o além tirando o centro de gravidade da existência humana. Em uma de suas andanças, filósofos atenienses caem na risada quando esta fala da ressurreição e em Efésios, capítulo 5, versículo 4 condena o riso e proíbe as piadas: “[...] Nada de sentenças grosseiras, estúpidas ou escabrosas é inconveniente”, ou seja, no cristianismo não se zomba de Deus com a severa pena de passar a eternidade castigada a ferros por Lúcifer.

Com o Novo Testamento o riso é demonizado, não existindo o riso positivo de outrora, ele é umas das artimanhas do Demônio para subverter as almas humanas e fazê-las cair em pecado, o que concomitantemente coloca a diversão, as festas, agora pagãs, e a bebida como portas de entradas para o inferno. Vários foram os nomes, segundo Minois (2003) que colocaram o riso como não virtuoso. Tertuliano (169-220) investe suas críticas contra as comédias que em sua visão eram espetáculos demoníacos e impudicos; Santo Ambrósio (339-397): em qualquer circunstância o riso é inconveniente, contrário aos ensinamentos de Cristo e para dizer tudo, diabólico; Santo Agostinho (354-397) repete reiteradamente que mesmo o riso seja uma faculdade humana, ele é desprezível; Clemente de Alexandria (150-215) segue os ensinamentos de Platão: o riso barulhento pertence ao domínio do baixo, do feio, ele deforma o rosto e caracteriza as prostitutas e as proxenetas, porém o maior adversário do riso foi São João Crisóstomo (344-407) segundo o qual jamais seria possível ver os dentes do homem, para ele o riso era absolutamente diabólico, satânico, infernal: Por toda parte o demônio dirige este triste concerto; os divertimentos não são dons de Deus, mas do diabo (p.130). Em suma todos os santos e os grandes literatos do cristianismo supracitados, acabam de uma forma ou de outra se colocando contra a gargalhada, o escárnio, o desdém, estes sim expressões do mal em Terra e atenuam o sorriso comedido, o sorrir ao divino e aos amigos.

A alta idade média traz em seu bojo o carnaval, festa que marca o fim das festividades carnavais e início do processo de purificação. Em suma, o riso na idade média é um riso contido, demonificado no início e posteriormente é feito como uma paródia da vida real, porém é principalmente antissubversivo. Este pequeno passeio histórico sobre o riso chega finalmente ao seu clímax e é no renascimento, a partir do século XVI, que surge a figura que marca na história a nossa forma de humor, François Rabelais (1484-1583). Pantagruel e Gãrgantua obra sátira, cômica de Rabelais redescobre que o riso é próprio do homem, sendo o humor a quintessência do riso. (Minois, 2003.p. 303). Nesta obra o autor traz à tona histórias burlescas, anedotas populares e evidenciam os prazeres da carne da comilança e da bebedeira. Se a renascença foi à rejeição da cultura

da idade média Pantagruel e Gãrgantua fazem o papel de arautos de um novo pensar, de ver a existência, sem os fardos do pecado e que a vida afinal não deve ser levada tão a sério. Porém este recreio da vida, promovido pelo riso, é tão curto quanto os de nossas escolas e já na metade do século XVI, com o advento das grandes descobertas e, principalmente, as reformas, fazem com que o mundo seja levado a sério novamente. A igreja e os reis tentam colocar em parênteses o riso e começam a atacar o caos que emerge das festas e o Carnaval e o bobo do rei são colocados de lado. Surge o Estado moderno e toda a burocracia advinda deste Leviatã.

Os séculos posteriores, XVII e XVIII desnudem o poder ácido do espírito humano e sua imensa capacidade em corroer as instituições sacrossantas de nossa sociedade, sendo Molière o arauto desta releitura rabelasiana. Para Molière ser um grande cômico é ser sério, de uma seriedade próximo a tristeza, que permite sentir em profundidade a miséria, a pequenez, a maldade, a mesquinhez, a mediocridade do homem e zombar de seus defeitos tocando no ponto exato, evitando o mau gosto, (Minois, G. 2003.p.410); ele coloca a sociedade no palco e enfatiza o ponto nevrálgico das questões que causam incômodo. Voltaire (1694-1778) coloca a denúncia pela liberdade a ironia refinada, afinal *Cândido*, ou o otimismo, satiriza toda uma sociedade e ironiza as posições dogmáticas de seus opositores. Desta forma o riso não morre, transmuta-se a piada evolui para ironia e a brincadeira grosseira em humor e finalmente estão lançadas as bases de nossa sociedade.

NIETZSCHE E O FILOSOFAR A MARTELADAS

Em o "*Crepúsculo dos ídolos*" ou "*Como se filosofa com o martelo*" Nietzsche lança seu furor intelectual ao que ele denomina como cultura da decadência. Critica Sócrates como aquele que prega a antívida, a razão dos filósofos que ao invés de validar o mundo real, o mundo dos sentidos falsifica-o e o inverte criando simulacros de uma realidade inexistente.

... A razão é a causa de falsificarmos o testemunho dos sentidos. Na

medida em que mostra o vir-a-ser, o decorrer, a transformação, os sentidos não mentem... Mas Heráclito sempre terá razão em que o ser é uma ficção vazia. O mundo "aparente" é o único: o mundo verdadeiro "é apenas acrescentado mendazmente..." (NIETZSCHE, F. 2006, p.26)

Para ele o mundo se tornou uma fábula tendo a moral, principalmente a cristã, atuado como uma forma de antinatureza, domesticando os instintos e tornando todas as ovelhas de um mesmo rebanho. Esta domesticação é fruto de uma sociedade que esqueceu o verdadeiro valor do dionisíaco, de celebrar a embriaguez e adotou o apolíneo como via de regra. Esta oposição entre os deuses gregos Dionísio e Apolo⁶ como, arquétipos, Nietzsche decompõe a tragédia em dois elementos básicos: dionisíaco e apolíneo. O primeiro é o instinto natural do homem, sua forma crua e pura, seus anseios e vontades, um estado obscuro de insegurança e deleite que foge dos padrões harmônicos impostos pelas sociedades, é o desvelar de si mesmo sem individualidades, sem mediações, um sentimento de criação e destruição. O segundo é o estado de segurança, de beleza lúcida, de individualidade plena, de leis e regras, de unidade de controle sob os impulsos intangíveis do ser e principalmente de equilíbrio.

A tragédia antes de qualquer coisa é aceitar que o perecer na vida é o fator inexorável com a qual cada existente, de uma forma ou outra, se confronta no final e aceitar tal fator, sem recorrer a metafísicas, é a tarefa primordial do existir, porém, irrompem filosofias que subvertem tal valor, colocando o pós-vida como função principal do pensar e concomitantemente como verdade absoluta, e é contra este tipo de pensamento que Nietzsche desfere marteladas a fim de destruí-los e coloca em cena a vida, a vida como ela é, sem subterfúgios, sem consolações. Platão, Descartes, Kant e até mesmo Schopenhauer, são vítimas das cisões cirúrgicas que Nietzsche opera na realidade, cortes profundos na cadeia filosófica que foi criada até o século XIX e que ressoam até agora. Segundo Giacóia Júnior (2002, p. 18), Nietzsche busca o valor da

⁶ Aparece pela primeira vez na obra "O nascimento da Tragédia no espírito da música" e contém, em germe, todos os temas com os quais Nietzsche irá criticar acridamente a sociedade e analisá-la apontando suas falhas.

verdade, mas não uma verdade absoluta como fora criado pelos autores supracitados, mas uma verdade em relação à vida, um incremento da vida, porém uma verdade que queira perpetuar-se, é um valor falso, fruto de um único prisma, de um único olhar, muito mais condicionada por interesses alheios a si mesmos do que com seu real intento, seu desejo não é de criação, mas de perpetuação, sendo, desta forma, a verdade um valor relativo ao momento de sua concepção, não sendo um valor incondicional. Doravante a verdade constitui-se em um instante de claridade frente a um acontecimento ou fato, diluindo-se diante das inexoráveis relações do viver, torna-se um momento e não algo eterno ou absoluto. Desta forma os dois arquétipos representam, metaforicamente, os polos do uno real, realidade que busca a verdade harmônica, segurança e afirmação coibindo o ímpeto dos instintos na árdua desorientação do viver; não se excluem mutuamente, pelo contrário são complementares entre si, pois o apolíneo traça limites para o dionisíaco impondo a este a beleza da aparência e as linhas mestras da comedidão, imprimindo um caráter de lucidez em meio à embriaguez dos instintos.

Que significam os conceitos opostos que introduzi na estética, apolíneo e dionisíaco, os dois entendidos com espécie de embriaguez? - A embriaguez apolínea mantém, sobretudo o olhar excitado, de modo que ele adquire a força da visão. [...] Já no estado dionisíaco, todo sistema afetivo é excitado e intensificado: de modo que ele descarrega de uma vez todos os seus meios de expressão e ao mesmo tempo, põe para fora à força de representação, imitação, transfiguração, transformação, toda a espécie de mímica e atuação. (NIETZSCHE, F. 2006, p.69).

Sendo uma destas descargas de intensificação dos sistemas afetivos o riso. Desta forma o filósofo do conhecimento trágico, domina o conhecimento não pelo viés metafísico, não delineando uma nova crença, muito menos adentra o turbilhão dogmático das ciências, ele constrói uma nova vida, ele restabelece o direito da arte. Segundo Nietzsche⁷ (2004, p.36) "O filósofo do conhecimento desesperado é conduzido a uma

⁷ O livro do Filósofo, Aforismo §37.

ciência cega: o saber a qualquer custo" o conhecimento tem por objetivo tornar a vida melhor e isto é o trágico para o autor. O homem, como afirma o aforismo quatorze de "O viajante e sua sombra", é o comediante do mundo e de fato, "aquele que imaginou o homem para rir dele tinha mais espírito que ele e também mais prazer no espírito" (2007, p.24). Este homem que ri de si mesmo, sem culpa, sem resignação ou condescendência que em meio às mazelas da existência ri frente às adversidades, sem esperanças metasuperiores, ou culpabilizando outrem, aceitando a sua situação é o filósofo trágico. Autocomiseração é inadmissível, sendo o riso expressão da aceitação, o famoso conceito de amor fati, amor ao destino: "[...] Minha fórmula para a grandeza no homem é amor-fati⁸: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo - todo idealismo é mendacidade diante do necessário - mas amá-lo (Nietzsche, 2008, p. 100).

Este amor fati está intrinsecamente ligado com o conceito de tragédia, sendo esta exaltação do Dionisíaco sobre o Apolíneo a aceitação que o mundo é algo risível e com isso a derrição ganhou a pertença humana o reino dos instintos, um retorno aos defeitos e vicissitudes da vida e do viver. Hodiernamente a pilhéria tomou um novo significado, foi adocicada pela modernidade e se tornou um espaço de sátiras estereotipadas, muito isso se deve ao fato de que os alvos de escárnio se agruparam em torno de nichos idiossincráticos, convencionalmente chamados de "minorias" erigindo em torno de si verdadeiros encouraçados jurídicos; aprendendo a rir de si mesmo o indivíduo desenvolve proteções sociais para as adversidades da vida em sociedade, ao encapsular o homem destas situações normais de vida o indivíduo perde o humor que consiste em não levar tudo a sério, até mesmo a própria vida, enfim, rir de si mesmo e superar é o que coetaneamente chamam de resiliência⁹ algo que outrora se adquiria na vida social, no grupo de viveres e não deitado no divã. Mas afinal de contas o que tudo isso tem a ver com o ensino da Filosofia?

⁸ Ecce Hommo, aforismo §10. Porque sou tão esperto.

⁹ Capacidade que um indivíduo ou uma população apresenta, após momento de adversidade, conseguindo se adaptar ou evoluir positivamente frente à situação.

Filosofia tem a ver com contexto, ensinar um jovem, com os hormônios a flor da pele, que descobriu que sexo é bom, beber dá barato, nos piores casos que usar de drogas ilícitas é melhor que assistir aula de Filosofia, chafurdado nas mídias não é tarefa fácil, mais complexa ainda é fazer deste conhecimento teórico e reflexivo algo impactante para a vida deles eleva o grau de complexidade da disciplina para a enésima potência. Além do mais aquela que surgiu como amor ao saber não possui mais o status nem de meretriz da sabedoria. Estes fatores demonstram que a Filosofia, enquanto ente metafísico encontra-se em estado vegetativo, ou nas palavras de Peter Sloterdijk na obra *A crítica da razão cínica* (2012, p. 11) "Há um século a filosofia está morrendo. No entanto, ela não consegue morrer porque a sua tarefa primordial não foi cumprida. " E qual seria tal tarefa? A de se tornar novamente a amante preferida do saber e não como é utilizada hoje, como olhar medusiano para mentes incautas que busca, apenas, saciar sua vontade de poder e relegaram a um ostracismo galático o gozo que esta fornecia.

Não se fala mais de um amor à sabedoria. Não há nenhum saber, do qual se pudesse ser amigo (philos). Aquilo que sabemos, não chegamos à ideia de amá-lo, mas nos perguntamos como é que conseguimos conviver com ele sem nos petrificarmos. [...] é uma meditação sobre a sentença "saber é poder". Foi ela que no século XIX se tornou o coveiro da filosofia. Ela resume a filosofia e ao mesmo tempo sua primeira confissão, com qual começa a sua agonia secular. Com ela termina a tradição de um saber que, como seu nome indica, era uma teoria erótica – amor à verdade e verdade do amor. Do cadáver da filosofia descendem no século XIX as ciências modernas e as teorias do poder – como politologia, como teoria das lutas de classe, como tecnocracia, como vitalismo – em cada figura armada até os dentes. "Saber é poder" (Sloterdijk, P. 2012, p.11).

O que está em jogo é a obtenção de poder, poder para subjugar o próximo, vontade de ser mais e melhor do que todos, neste game, o outro é um meio para a minha glória. Desta forma ao trazer o prazer do riso aliado às críticas mordazes de Nietzsche, como mediadores da análise sobre desenhos animados, o intuito real é relembrar que o conhecimento somente se concretiza no real, quando há uma relação entre quem

conhece e o que pretende conhecer, retoma-se o contexto das mídias adolescentes, interligando as benesses juvenis com o escárnio costumaz da adolescência, desta forma apresentamos “The Simpsons” e “South Park” como contexto de aprendizagem para aulas de Filosofia.

OS DESENHOS ANIMADOS COMO FERRAMENTA REFLEXIVA

Os desenhos entram em cena na década de 1930, anteriormente Walt Disney lançou o primeiro desenho sonoro com Mickey Mouse (1927), com a célebre e audaciosa Betty Boop¹⁰. Suas vestes, para lá de sexy, foram alvo de uma série de críticas por parte da Liga da decência, em conformidade com a censura da época, o que levou os seus criadores a vesti-la até o pescoço, porém com um vestidinho sensualíssimo. Na mesma década ainda tínhamos o primeiro grande sucesso da Disney, Branca de Neve e os sete anões e o primeiro desenho animado do Superman no início da década de 1940 e Pica-Pau. A rotoscopia, desenvolvida pelos irmãos Max e Dave Fleischer, permitia ao cartunista capturar em uma película os movimentos de um personagem humano, para depois desenhar sobre a figura, propiciou um avanço significativo na produção dos desenhos animados, culminando na década 1950 em uma série de sucesso: Nova versão de Pica-Pau, Super mouse, Dom Pixote, Faísca e fumaça, Pepe Legal e Babalu, entre outros.

A quantidade de clássicos que surgiram na década de 1960¹¹ é fruto da onda do momento, desenhos infanto-juvenis e torna-se um marco neste tipo de produção, datam desta época; Alvin e os esquilos cantores (1961), Aquaman (1967), Apuros de Penélope Chamosa (1969), Astro boy (1963), precursor dos "anime" e da rentabilíssima indústria de animação japonesa, As aventuras de Batman (1967), As aventuras de Tintin (1962), produção franco-belga, são os desenhos ganhando o

¹⁰ Surgiu num pequeno papel dentro do desenho, Dizzi Dishes da série Talkartoons, curtas animados produzidos pelos irmãos Max e Dave Fleischer, em 1932 ganhou seu quadro próprio. (PEREIRA, 2010, p. 15)

¹¹ As datas e os desenhos que seguem foram retirados do livro ANIMAQ de Paulo Gustavo Pereira (2010).

mundo, As novas aventuras do Superman (1966), o clássico Corrida Maluca (1968), Os Flintstone (1960), Formiga Atômica (1965), Frankenstein Jr e os impossíveis (1966), Gasparzinho, o fantasma camarada (1963), Gato Félix (1960). Otto Mesmer que criou originalmente este último personagem foi protagonista de tirinhas de jornais na década de 1920 e em 1919 apareceu nas telonas do inigualável cinema mudo. Os Jetsons (1962/1985), Jonny Quest (1964), O marinheiro Popeye (1960), mais um personagem que sai das tirinhas, criado em 1929 por Ezie Crisler Segar, para ganhar notoriedade no mundo, Maguilla, o gorila (1964), Manda-Chuva (1961), Máquinas voadoras (1969) é a saga de Dick Vigarista e Mutley que saem da corrida maluca para tentar captura Doodle, o pombo, Marvel Super-heróis (1966), Mrs. Maggo (1960), A pantera Cor-de-rosa (1969), Papa-Léguas (1967), O quarteto fantástico (1967), Recruta Zero (1963), Scooby-Doo (1969), Shazzan (1967), Show do Pernalonga (1960), Zé Colmeia e Catatau (1961), A série de novos Cartoons de Hanna-Barbera, que continha os incríveis personagens: Wally Gator, Tartaruga Touché e Dum-Dum entre outros.

Os anos 1970 sofrem a ressaca de criatividade, tão costumeira em períodos predecessores de vazantes artísticas, destacam-se neste período as releituras da década anterior, sendo as novidades, Capitão caverna (1977), Flash Gordon (1977), Tom & Jerry (1975). Com o final do porre a década de 1980 marca novas produções que serão bases para roteiros de longa de Hollywood, longas que viram série, jogos de vídeo game, o mercado midiático se imbrica e agora, além dos bonecos e brinquedos, as continuações dar-se-ão pelas várias facetas do mercado global: Caça-Fantasmas (1986) filme de 1984 que deu sequência na série, Cavalo de Fogo (1986), Caverna do Dragão (1983), Comandos em ação (1984), Defensores da Terra (1986), os clássicos animê que marcaram território e abriram espaço para o mercado japonês, saindo dos mangás para conquistar gerações: Cavaleiros do Zodíaco (1986), Dragon Ball (1986) e Dragon Ball Z (1989), He-Man (1983) e She-Ha (1985), Robocop (1988), Os Smurfs (1981), Super Mário Bros (1989), Tartarugas Ninjas (1987), Thundercats (1985), Transformers (1984), Duck Tales (1980), Tico e Teco-Os defensores da Lei (1989), Turma do Charlie Brown (1983), Ursinhos Carinhosos (1985), Ursinhos Gammi (1985) entre outros; uma série sobrevive até hoje Os Simpsons (1989) que será fruto de análise mais adiante.

De 1990 em diante os desenhos animados começam a serem vistos como superproduções, com destaque para as releituras do HQ e Comics, além da computadorização dos clássicos do passado, em personagens mais detalhados, mais antropomorfizados. Outro fator é o aumento de tempo, os episódios passam a ter em média 23 minutos de duração, alguns desenhos que marcaram esta época: Dragon Ball GT (1996), X-Men (1990), Du, Edu e Dudu, Família da Pesada, Futurama, Pokémon e The South Park (1997).

Os desenhos supracitados têm características históricas bem definidas, os primeiros são o humor clássico, quedas, tentativas frustradas de captura, a eterna luta entre o bem e o mal, marcam a comicidade destes. Outros têm nas lutas, guerras, batalhas épicas seus sentidos, porém há todo momento um personagem se destaca por causar risos e ser o bonachão da história; o primeiro desenho animado, que bateu o recorde de longevidade foi "Os Simpsons". Segundo Nolasco (2001, p.50), este seriado foi considerado o evento televisivo mais importante da década de 1990, seus roteiros, narrativas são criados tendo em vistas citações das grandes produções cinematográficas, além de trazer no seu enredo caricatural bandas de Rock do mundo todo. Outro fator importante é que a produção incorpora as antigas inspirações míticas, realçar características humanas denunciando suas vicissitudes (boas ou más), porém estas alterações não tem o conotativo moral costumaz, não implicam em juízos de valores, mas apontam para a diversidade cotidiana, para uma série de momentos que os societários passam sem refletir sobre, arcados pelo peso do hábito.

O desenho retrata uma família de classe média baixa, composto por cinco pessoas: Homer Jay Simpson (pai), Marjorie 'Marge' Bouvier Simpson (mãe), Magie Simpson (filha mais nova), Elizabeth "Lisa" Marie Simpson (filha do meio) e Bartholomew "Bart" Jay Simpson (filho mais velho), sendo estes o núcleo central do desenho. Encenada na cidade de Springfield, os palcos periféricos são: uma Usina Nuclear, na qual Homer é chefe de segurança, a escola onde Lisa e Bart estudam, uma delegacia, a mansão do homem mais poderoso da cidade, S.R. Burns, o dileto bar do Moe, o mercadinho do indiano Apu, Kwik E Mart, a igreja protestante do reverendo Lovejoy, a prefeitura do

corrupto Joe Quimby entre outras. Sem deixar de comentar as andanças da família pelo mundo, atacando os países naquilo que possuem de mais especial, sua cultura. O sucesso do desenho deve-se ao ataque direto aos ditos símbolos nacionais, pois nada passa ao crivo dos seus criadores, ridicularizando a política e os presidentes americanos, caricaturando-os de tal forma que fica impossível assistir sem tornar risível a realidade. A hipérbole midiática que os Simpsons representam, trouxe uma nova faixa etária para à frente da televisão, os jovens e os adultos.

Na esteira de os Simpsons, temos *The South Park*, que traz para a tela o grosseiro, o chulo, o infame como divertimento, lembrando os primórdios do riso em que tudo é motivo para escárnio não sobrando instituição ou pessoas que não se horrorizaram com o ataque frontal dos quatro meninos de *South Park*. Encenado na cidade que leva o nome do desenho, Stan Marsh, Eric Cartman, Kyle Broflovski, Kenny McCormick, possuem falas nada ortodoxas para os padrões de nossa sociedade, sendo que palavrões são utilizados com tanta frequência que ganham quase os contornos de pronomes de tratamento e adjetivos.

Em 17 anos em evidência na televisão, conseguiram ultrajar todo o tipo de religião, do espiritismo ao hinduísmo, da cientologia ao budismo, sem falar no tripé Islamismo-Judaísmo-Cristianismo e suas variações, adventistas, mórmons e pentecostais. Nem o todo poderoso escapou, sendo caricaturizado como um bicho estranho, verde com voz gutural, é importante ressaltar que Jesus mora na cidade e em vários episódios aparece lutando contra o demônio (gay, namorado de Sadam Hussein), ou pregando as palavras da Bíblia para as pessoas, que o ignoram. Todas as minorias são atacadas, negros, brancos, judeus, cristão, ateus, xenofobias, americanos, entre outros; políticos são eschachados da forma mais pueril existente, além de temas tabu, como estupro, pedofilia, deficientes físicos, mudança de sexo, aborto, drogas serem tratados com um extremismo que transpassa o profano em rumo à hilaridade.

O grosseiro, em ambos os desenhos, dessacraliza os temas e os coloca como expressões do agir humano, não com o intuito de realmente agredir, mas sim de refletir sobre nossa própria humanidade e nossas convenções, da mesma forma que os bufões

proferiam injúrias aos soldados romanos vitoriosos na batalha, sempre os lembrando da sua humanidade. As sátiras vão ao cerne dos problemas, tantos sociais quanto moral, explicitando-os e desnudando-os de tal forma que as reflexões povoam as ideias, desde o moralismo ao interpretá-las até própria eficácia das mensagens transmitidas. Homer, Lisa, Bart, Marge (Os Simpsons) e Kyle, Stan, Cartmann e Kenny (The South Park) exteriorizam, de certa forma, aquilo que Aristóteles chamou de caráter. Segundo Nicola Abbagnano (2000, p. 115) este é, em modo particular, a forma de ser ou comportar-se habitual e constante de uma pessoa, à medida que individualiza e distingue a própria pessoa, desta forma cada personagem age de acordo com uma série de princípios em determinadas situações.

Aristóteles divide o caráter em quatro tipos: virtuoso, continente, incontinente e vicioso. Ao analisar qualquer desenho de qualquer temporada, poder-se-ia classificar, de acordo com as suas atitudes nos referidos programas os personagens da seguinte forma: VIRTUOSO: Stan e Lisa; CONTINENTE: Kyle e Marge; INCONTINENTE: Kenny e Homer; VICIOSO: Cartmann e Bart; É importante ressaltar que para Aristóteles alguém virtuoso é quando o desejo está em concordância com a ação; continente quando a ação é correta, contrária ao desejo; incontinente ação errada, porém o desejo é correto e vicioso é quando a ação e o desejo são errados. Stan e Lisa podem ser considerados virtuosos pelo simples fato de que sempre buscam a forma correta de agir, mesmo quando assolados pela dúvida suas atitudes são coerentes com o seus desejos e tendem ao bem; Kyle e Marge possuem desejos contraditórios as suas ações, mas como são influenciados, normalmente, pelo seu amigo Stan e por sua filha Lisa suas ações são acertadas e tendem ao bem ao contrário de Kenny e Homer, pois Kenny mesmo sabendo que as atitudes de Cartmann não são corretas acaba por ajudá-lo e Homer mesmo sabendo que não deve beber tanto, nem comer em horário de serviço acaba cedendo aos desejos, e finalmente Bart, anagrama de brat, travesso em inglês, e Cartmann que sabem que suas ações são erradas e as executam com prazer.

Tal forma de analisar pode ser retirada de qualquer desenho, contextualizando um conteúdo, sofrível para jovens, de uma forma descontraída e regada a muitos risos.

Desta forma o desenho como ferramenta pedagógica, contextualiza o aluno e chama a sua atenção para o conhecimento, para a produção do conhecimento, um saber de si para o mundo, que não nega suas próprias atitudes perante o saber, mas o potencializa para que melhor seja apreendido. Os desenhos supracitados trazem esta fórmula nietzschiana de "amor fati" partindo do cômico, porém tendo como pano de fundo a existência humana, além de trazer em alguns de seus personagens o próprio filósofo trágico, a encarnação da desmedida mediada pela razão. O politicamente correto tão prestigiado em nossas salas de aulas cede o espaço rumo ao transcender do trivial do mundano, tendo em vista que é pela reflexão que alcançamos novos patamares para o saber.

CONCLUSÕES

A grande qualidade do humor é que ele é inefável, é como um vento que passa, uma brisa ou furacão que toca o espírito. Sua variabilidade e multiplicidade fazem do humor atemporal, existiu em todos os tempos e existirá enquanto o homem caminhar pelo vale de lágrimas, pois sua história está interligada com a pertença consciente de sua própria existência e de não saber onde está o levará achando graça nisto, eis o nascimento do humor, o animal que se afastou de si e sorriu, gargalhou. É neste entremeio que surgiu o primeiro filósofo e amou conhecer, não pelas lágrimas que derramava, mas pelo prazer que lhe causava e novamente sorriu, riu de seus adversários e desdenhou do conhecimento de outrora. E o que mais causa prazer é rir de uma situação, e se me é perigoso rir de outrem, rio dos desenhos da comicidade avança de nossos tempos e por que não levar a derrisão para a sala de aula? Este pequeno artigo visa esta reflexão, utilizar o que temos para ensinar o que amamos, afinal não é este o dever de todo educador? Para tal intento propusemos os desenhos animados como forma de aliar o riso e o próprio escárnio como forma de contextualizar os conhecimentos filosóficos, retirando o amargo escolástico pelo frescor pós-moderno.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, H. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

GIACÓIA JÚNIOR, O. **Nietzsche & Para além do bem e do mal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOMES, F. Currículo e Filosofia: O que pretendem as diretrizes com a criação de conceitos. In. **Pluralismo Metodológico nas Diretrizes Curriculares do Paraná**. Guarapuava: Uni centro, 2010.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

MARX, Karl. **Para uma teoria crítica da Economia**. Coleção os economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MINOIS, G. **História do riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

_____. **O livro do filósofo**. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. **O viajante e sua sombra**. São Paulo: Escala 2007

_____. **Ecce Homo**. Covilhã: Universidade da Beira interior, 2008.

PEREIRA, P, G. **Animaq**. São Paulo: Matrix, 2010.

SLOTERDIJK, P. **A crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.